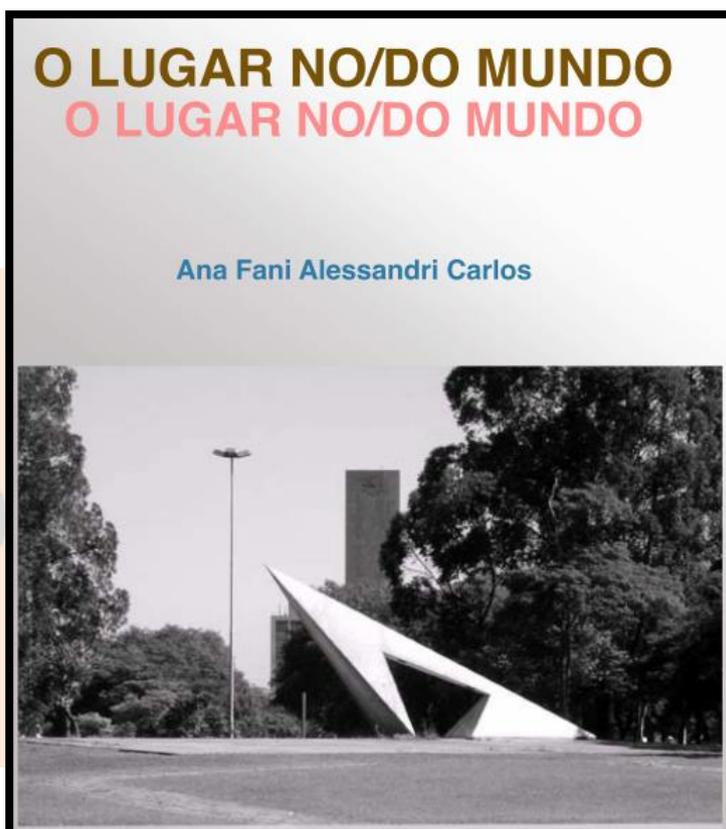


## Resenha: O Lugar No/Do Mundo

Rafael Alves de Freitas <sup>1</sup>



CARLOS, Ana Fani A. **O Lugar No/Do Mundo**. São Paulo, FFLCH, 2007.

Ana Fani Alessandrini Carlos, escritora, geógrafa e professora da Universidade de São Paulo (USP). Na geografia é conhecida por suas diversas obras que falam sobre urbanismo, embora no livro *O Lugar No/Do Mundo*, sua contribuição seja no âmbito epistemológico da geografia, mas precisamente no conceito de Lugar.

A obra em análise está dividida em oito capítulos, a saber: I - Definição do Lugar? II - O lugar na “era das redes”. III - A guerra dos lugares. IV - A natureza do espaço fragmentado. V - Os lugares na metrópole: A questão dos guetos urbanos. VI - Rua: Espacialidade, Cotidiano e Poder. VII - A produção do não-lugar e VIII - A construção de uma “nova urbanidade”.

---

<sup>1</sup>-Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – (PPGGEO-UFRRJ). Possui Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail de contato: [uerj.raf@gmail.com](mailto:uerj.raf@gmail.com)

Percebemos, a partir da leitura, o objetivo de discutir o lugar na chamada “modernidade”, tendo o cenário da cidade de São Paulo como pano de fundo. Aparece de forma clara nesta leitura, uma orientação da autora pela geografia crítica. Sendo assim, as referências utilizadas aproximam-se de geógrafos, sociólogos, filósofos e jornalistas como Milton Santos, Henri Lefebvre, David Harvey, Edgard Soja, Walter

Benjamim, José Saramago entre outros autores ligados ao pensamento crítico e/ou marxista.

O capítulo Definir o Lugar? Inicia com um resgate do conceito de lugar, e do pensamento geográfico, como a partir da geografia humanística e cultural ocorre uma ressignificação do conceito, principalmente dos locais em que cada sujeito, a partir de seu cotidiano estabelece vínculos. Para Carlos (2007, p. 17), “pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora”.

Todas essas mudanças que vem ocorrendo ao longo do tempo, modificam as relações socioespaciais, no entanto, o lugar continua sendo compreendido através da vivência cotidiana, dos usos do corpo, como esclarece a autora (p. 14), “Isto é, o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo”.

Carlos aponta que a metrópole na sociedade capitalista tem como objetivo impor outros usos aos espaços, que “limitam” a atuação dos sujeitos nos lugares, a título de exemplificação podemos citar o caminhar pelas ruas e bairros que está cada vez mais extinto, em uma lógica de planejamento urbano que prioriza avenidas em detrimento de espaços de encontros e trocas, de exercício da cidadania.

Os pontos relevantes tratado nos capítulos O Lugar na “Era das Redes” e A Guerra dos Lugares é a velocidade das informações que podem chegar a qualquer local no mundo, aumentando nossa sensação de compressão do tempo e do espaço, este processo a partir da lógica de organização do mundo globalizado, por vezes, compromete as relações do lugar, seja em um processo de desenraizamento das populações, ou a partir da perda de referências territoriais, como aponta Carlos (p. 21) – “As comunicações diminuem as distâncias tornando o fluxo de informações contínuo e ininterrupto; com isso, cada vez mais o local se constitui na sua relação com o mundial. Nesse novo contexto o lugar se redefine pelo estabelecimento e/ou aprofundamento de suas relações numa rede de lugares”.

Sendo assim, verificam-se visíveis mudanças no(s) lugar(res), e que estão diretamente ligadas ao “mundo moderno” e ao aprofundamento do sistema capitalista, impondo sua forma de domínio do espaço global, como afirma Ianni (apud CARLOS, 1993, pág. 27) “à globalização tende a desterritorializar coisas, gente e ideias”.

O capítulo A Natureza do Espaço Fragmentado trata da metrópole, pois é ela quem determina as normas de controle do espaço, dividindo-a em parcelas que são “vendidas” como produto das atividades urbanas que priorizam a reprodução do capital. Transformando bruscamente o lugar, fazendo com que este perca suas características centrais, tais como a solidariedade. Para Carlos, “esta fragmentação ocorre através da dissolução das relações sociais que liga os homens entre si” (p. 36). A descaracterização do lugar/bairro ocorre com as desapropriações do mesmo e modificando os hábitos de quem vive nele. Benjamim (apud CARLOS, 1985, pág. 39) nos alerta que “o mundo moderno traz ausência de memória, pois com toda essa tecnologia o sujeito acaba se tornando individualista”, porém Saramago (apud CARLOS, 1990, pág. 39) afirma que “a memória é o resgate do lugar, porque é através dela que nos lembramos do passado, de como o lugar era antigamente”.

O capítulo Os Lugares da Metrópole: A Questão dos Guetos Urbanos trata da questão de pertencer a um lugar, as diferenças sociais, culturais e econômicas, como a principal formação dos guetos urbanos; que são comunidades definidas por características que ligam pessoas a um grupo e a um lugar, para Carlos (p. 41),

Nesses sentidos os lugares são submetidos à dominação da troca através da aplicação de um rigoroso critério de rentabilidade. Assim as trocas fragmentam o espaço, processo que altera profundamente a vida cotidiana, através da sua institucionalização que cria uma vida programada e idealizada pelo consumo manipulado. Essas áreas que se diferenciam e multiplicam simultaneamente na metrópole, hierarquizam-se formando “guetos”.

A metrópole contribui para a exclusão da sociedade, essa nova “territorialidade”, caracteriza o individualismo, e cria assim um novo sujeito, o denominado “homo urbanus”. PAQUOT (apud CARLOS, 1990, pág. 44) desenvolve a ideia de que emerge hoje, “na sociedade urbana, um novo personagem o homo urbanus, fruto do processo de urbanização do mundo que provém da eclosão da cidade e do indivíduo.

O capítulo A Rua: Espacialidade, Cotidiano e Poder são dedicados à rua, que é caracterizada como dimensão espacial das relações sociais, com as apropriações do lugar e da cidade. Para Carlos, a rua se contrapõe da extensão da casa, pois nos dias de hoje as pessoas vivem trancadas dentro de suas casas, cultivando assim o individualismo.

A autora cita as duas faces da rua, o lado da socialização que é o conversar com os vizinhos, sentar na calçada nas tardes, a criação de vínculos comunitários, da solidariedade, como aparece na página 51 - “podemos afirmar que a vida aí é inesgotavelmente rica e plena de energia — é o nível do vivido. Na rua encontra-se não só a vida, mas os fragmentos de vida é o lugar onde o homem comum aparece ora como vítima, ora como figura intransigente e subversiva”.

Por outro lado, a intensificação do comércio, como os calçadões, *shoppings*, onde o movimento é incessante, produz um “deslugar” ou um “não-lugar”. A modernidade impõe a forma que o sujeito deve se portar controlando, o nosso cotidiano através da propaganda, porém mesmo com todas essas mudanças, ainda é possível encontrar nas ruas, as atividades que caracterizam as relações sociais cotidianas, tais como o uso dos espaços públicos para brincadeiras, festas e encontros.

Assim, a autora apresenta um conflito na produção dos lugares, onde o espaço é produzido a partir de modos de produção e apropriação. A evolução do capitalismo derruba fronteiras e o espaço torna-se mercadoria, pois no mundo moderno a reprodução do espaço é realizada através da indústria do turismo, tornando assim o espaço como atração causando um “estranhamento” em quem habita naquela área. Carlos diz que o espaço se torna um espetáculo e os turistas tornam-se espectadores.

O turismo transforma o lugar em algo artificial, com a contribuição da mídia e da *internet*, em geral o espaço que a indústria do turismo produz é o presente sem história, sem identidade, tornando o sentido do espaço vazio. Com isso, essa “indústria” impõe uma rotina controladora que não é diferente do processo de trabalho na fábrica, tornando o lazer como uma rotina vigiada.

No capítulo final a autora aponta a contradição da afirmação da modernidade como um modelo de vida a ser seguido, ou seja, um estilo de vida programado, até os modos errados como jogar lixo no chão é considerado uma situação moderna. A individualidade é cada vez mais frequente, pois não precisamos sair de casa para conhecer novas pessoas, resolver assuntos bancários ou fazer compras, a modernidade se encarrega de fazer tudo isso, e se constrói assim o vazio.

A atenuação da sociabilidade é marcada pelo fim de atividades que aconteciam nos bairros, com o fim das relações de vizinhança provocado pela televisão, num primeiro momento, e pelo adensamento dos automóveis, em outro, que tirou as cadeiras das calçadas. A autora chama a atenção para o perigo das descaracterizações do espaço/lugar pelo capital. Contribuiu com perguntas e afirmações que podem ser analisadas e discutidas, mas que abrem caminhos para novas pesquisas.

## Considerações Finais

Não é fácil iniciar uma discussão sobre o lugar, pois o tema é amplo, porém a obra nos permite construir um panorama concreto de como nos portar diante de mudanças que sempre vão ocorrer. O conceito de lugar, assim como território, região, paisagem e espaço, tornam-se primórdios para a geografia contemporânea, pois sem o conhecimento destes conceitos não somos capazes de compreender o mundo e todas as suas especificações.